

Escritura marginais: fragmentos de memórias da professora Malvina Tavares (1891 – 1930)

Doris Bittencourt Almeida*
Luciane Sagrbi Santos Graziottin**

Resumo

O estudo apresentado evidencia as memórias de uma professora e tem como objetos de análise o diário íntimo¹ de Julia Malvina Hailliot Tavares, escrito entre o final do século XIX até a década de 1930, e o caderno de Zilda Haussen, sua aluna, datado de 1927. Por meio deles foi possível confrontar o pessoal, íntimo e corriqueiro da vida doméstica, com fatos históricos e o contexto educacional de uma época. O diário pessoal é constituído por um tipo de escrita autobiográfica, desse modo a pesquisa considera as distintas dimensões da vida da autora, estabelecendo um paralelo entre vida privada, docência como profissão feminina nos primeiros anos da república e o contexto da educação nos anos finais do século XIX e início do século XX. Por ser representativos de uma época, a relevância de seus escritos também possibilitou um exercício interpretativo das existências de tantas outras mulheres, tantas outras vidas comuns, contemporâneas de Malvina Tavares.

Palavras-chave:

Diário íntimo. Memória. Autobiografia. Escrita privada.

¹ O diário de Malvina Tavares é um artefato de uso pessoal. É composto por 98 páginas, mas Malvina identificou a página até o número 80, as demais foram contadas manualmente.

* Doutora em Educação pela UFRGS, Professora de História da Educação da Faculdade de Educação e do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Membro do Grupo de pesquisa EBRAMIC – Educação no Brasil: memória, instituições e cultura escolar.

** Doutora em Educação pela PUCRS. Professora de História da Educação do Centro de Ciências Humana e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Coordenadora do Grupo de pesquisa EBRAMIC – Educação no Brasil: memória, instituições e cultura escolar.

Marginal scriptures: fragments of memories of teacher Malvina Tavares (1891 – 1930)

Doris Bittencourt Almeida
Luciane Sagrbi Santos Graziottin

Abstract

The study presents a teacher's memories, and it aims at analyzing the personal diary of Julia Malvina Hailliot Tavares, written between the end of the 19th century and the 1930s, and the notebook of her student Zilda Haussen, dated 1927. They enabled a confrontation between the personal, intimate and run-of-the-mill aspects of domestic life and historical facts and the educational context of an era. The personal diary is constituted by an autobiographic type of writing, thus the study looks at the distinct dimensions of the author's life, establishing a parallel between private life, teaching as a female professional in the first years of the Republic and the context of education in the last years of the 19th century and the beginning of the 20th century. Since it is representative of an era, the relevance of her writings also enabled an interpretative exercise of the existence of many other women, many other common lives, that were Malvina Tavares' contemporaries..

Keywords:

Personal diary. Memories. Autobiography. Private writing.

Escrituras marginales: fragmentos de las memorias de la professora Malvina Tavares (1891 – 1930)

Doris Bittencourt Almeida
Luciane Sagrbi Santos Graziottin

Resumen

El estudio presentado evidencia las memorias de una profesora y tiene como objeto de análisis el diario íntimo de Julia Malvina Hailliot Tavares, escrito entre el final del siglo XIX hasta la década de 1930 y el cuaderno de Zilda Hausen, su alumna, datado de 1927. Por medio de ellos fue posible confrontar el aspecto personal, íntimo y cotidiano de la vida de la doméstica, con hechos históricos y contexto educacional de una época. El diario personal es constituido por un tipo de escritura autobiográfica, así la investigación considera las distintas dimensiones de la vida de la autora, estableciendo un paralelo entre la vida privada, docencia como profesión femenina en los primeros años de la República y el contexto de la educación en los años finales del siglo XIX y el inicio del siglo XX. Por ser representativo de una época, la relevancia de sus escrituras también posibilitó un ejercicio interpretativo de las existencias de tantas otras mujeres, tantas otras vidas comunes, contemporáneas de Malvina Tavares.

Palabras clave:

Diario íntimo. Memoria. Autobiografía. Escritura privada.

Introdução

O que nos move...

Ter em mãos um diário íntimo² e um caderno escolar de pessoas que os escreveram há muito tempo é algo encantador, que mobiliza a querer investigá-los pelas singularidades próprias de textos manuscritos, indicadores de múltiplas possibilidades de análises de diferentes aspectos da História da Educação, materializados nas duas formas de narrativa. Portanto, este trabalho toma como objetos de estudo um diário pessoal da professora Julia Malvina Hailliot Tavares, produzido entre os anos 1898 a 1938, e o caderno escolar de Zilda Haussen, aluna da professora Malvina, no ano 1928.

O diário é entendido como um ‘ego- documento’ (FRAGO, 2000), uma literatura autorreferencial, ou seja, é um texto em que o sujeito fala ou refere-se a si mesmo e se converte em elemento de referência. Constitui-se em um fragmento de memórias pessoais, entendido dentro de um campo de escritura de si (HEBRAD, 2000), uma prática de arquivamento do eu (ARTIÈRES, 1998). Malvina, ao longo de muitos anos, praticou uma escritura pessoal, buscando uma “[...] representação estável de si [...]” (ARTIÈRES, 1998, p. 30), seus escritos traduzem uma forma peculiar de escrita, entendida como prática de memórias femininas. De acordo com Mignot (2000b), o desejo de arquivar a própria vida obedece a um projeto autobiográfico: “Arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever um livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte” (MIGNOT, 2000b, p. 127). Aqui objetivamos apresentar este texto dotado de intenção autobiográfica e analisar como esse suporte de escrita pessoal foi se constituindo em paralelo à vida da autora, procurando conhecê-la melhor e analisar suas relações com o vivido.

Quanto ao caderno escolar, sua análise permite outra forma de aproximação, mais indireta, talvez, que possibilita a compreensão da identidade profissional de Malvina Tavares em uma perspectiva diferente daquela por ela narrada. Segundo Mignot (2008, p. 7), os cadernos “[...]”

² Ao longo do texto, são utilizadas as expressões diário e caderno como sinônimos para os escritos pessoais de Malvina Tavares. O outro documento analisado é um caderno escolar de Zilda Haussen.

falam dos alunos, dos professores, dos pais, dos projetos pedagógicos, das práticas avaliativas, dos valores disseminados [...], bem como das prescrições e interdições que conformam sua produção, sua circulação e seus usos”.

O estudo insere-se no campo de investigações da História da Educação, sendo esse um componente fundamental da história das práticas culturais e do cotidiano social. A pesquisa identifica-se com os pressupostos teóricos da História Cultural, corrente historiográfica que atribui importância à produção de outro conhecimento histórico no domínio educativo, que não se limita a uma história meramente institucional, cronológica, estática e unidimensional, por não apreender a complexidade do mundo social e educativo (NÓVOA, 2005). A História Cultural rejeita uma história da educação apenas centrada nos fatos tidos como notáveis, que desconsidera os diferentes atores sociais. O trabalho também se inscreve no campo da história das práticas de leitura e escrita e de memórias de mulheres, tendo como referenciais as concepções da cultura escrita enquanto uma produção discursiva de determinado tempo e lugar.

Segundo Viñao Frago (2000), na História da Educação predominavam discursos essencialistas que transformavam a história em algo abstrato e irreal, em que se diluía a subjetividade dos sujeitos. Entretanto, argumenta o quanto a História da Educação tem insistido e construído espaço para os sujeitos, “[...] não para o indivíduo como 'ser aislado', mas para sua subjetividade e privacidade, para sua personalidade, seu cotidiano e seu íntimo” (FRAGO, 2001, p. 9). Nesse sentido, também fala do interesse pelas escrituras marginais, ordinárias, pessoais, ou seja, “[...] pela escritura e leitura como práticas sociais e culturais efetuadas por quem escreve e lê” (FRAGO, 2001, p.10).

Buscando inspiração na micro-história italiana, especialmente em Ginzburg (2006) e em seu personagem Menocchio, podemos pensar que Malvina Tavares é uma mulher que “[...] ao mesmo tempo parece perto e distante de nós” (GINZBURG, 2006, p. 9). Por meio da documentação encontrada, procuramos rastrear sua vida, exercitar os conceitos de representação e de sensibilidades e, assim, quem sabe, descobrir alguns de seus pensamentos, crenças, valores, sentimentos, desejos, concepções pedagógicas, por meio de suas práticas de escrita e de leitura.

O conhecimento que se produziu acerca da história de Malvina Tavares sustenta-se na relevância dos indícios, na interpretação dos sinais,

que muitas vezes pareceram enigmáticos, na atenção aos detalhes, que poderíamos supor secundários, no reconhecimento da busca constante por evidências, recorrências e dissonâncias, possíveis de identificarmos na documentação consultada. Esses cuidados, próprios da operação historiográfica, permitiram o levantamento de uma série de inferências dentro de um campo de possibilidades.

O diário de Malvina pode ser lido e relido inúmeras vezes e parece que sempre apresenta ao pesquisador algo a mais, provoca novas indagações, produz diferentes modos de exploração. Assim, uma informação que parecia irrelevante, diante de novas perguntas que fazemos, passa a adquirir outros sentidos. Metaforicamente, o caderno pessoal constitui-se em uma espécie de sítio arqueológico, é como se os escritos daquela mulher se localizassem em camadas subterrâneas, algumas bem profundas. Aqui procuramos trabalhar na perspectiva do ofício do arqueólogo, em um processo de escavar memórias, trazendo à tona cacos do passado, fragmentos sutis de outros tempos, materializados em palavras, frases, textos, versos, que, de diferentes formas, permitiram aproximações, nunca um encontro, com os códigos culturais de uma época em que não vivemos.

Revisitar o diário faz rememorar o significado desse documento no seu processo de constituição de pesquisadora. Em 1996, iniciou seus estudos em História da Educação por meio desse diário (Almeida, 1997), antes de iniciar o mestrado. Talvez nunca mais uma fonte tenha o poder de impactá-la tanto, pela sua capacidade de representar uma história de vida em páginas manuscritas. A outra autora também foi atraída pelas potencialidades da pesquisa, na medida em que, ao longo de sua constituição como pesquisadora, o estudo dos cadernos e das narrativas de vida, entendidos como documentos históricos, seduziu-a. Ambas fizeram uma imersão no conteúdo do diário e do caderno, em todas as suas páginas e a cada descoberta vibraram ao encontrar nos escritos, histórias de uma mulher, professora, liderança na família, na comunidade em que se inseria. Dos seus primeiros escritos, ainda jovem, até os últimos registros, na velhice, o pessoal e íntimo se entrelaça com social e profissional.

O diário como documento de pesquisa

Desde o século XIX, mulheres brasileiras que tiveram acesso à alfabetização tentaram refletir sobre a própria vida e de alguma forma romperam o silêncio sobre o mundo, estimuladas a anotarem os acontecimentos mais importantes do dia, por meio de diários íntimos e troca de correspondência entre amigas (MIGNOT et al., 2000a, p. 20). Nesse sentido, HEBRARD (2000, p. 41) explica que o século XIX desloca a tradição do diário, até então concebido como crônica, para o sentido do diário íntimo, tendo como suporte o caderno, que se torna uma referência para esse tipo de escrita.

Pela análise do diário de Malvina, percebemos a trajetória de uma mulher escolarizada, que muito provavelmente estudou para ser professora ainda no século XIX e, desse modo, aprendeu os gestos gráficos, a letra formatada, caprichada, esmerou-se no uso de um vocabulário refinado, evidenciado nas poesias transcritas, nos escritos autorais, enfim, desenvolveu seu capital cultural que se revela nas suas escrituras pessoais.

Cunha (2009) entende os diários íntimos como territórios de pesquisa abertos para a História da Educação. Esses documentos são concebidos como dispositivos textuais, que carregam “[...] a força do testemunho” (CUNHA, 2009, p. 252). Adentrar nessas “[...] memórias do papel [...]” (CUNHA, 2009, p. 252) permite conhecer modos de viver, valores, ideias circulantes, o imaginário, os signos e códigos comportamentais de outras épocas. Assim, chegamos perto do universo social e cultural da personagem Julia Malvina, inserida naquele tempo, naquela comunidade. Segundo a autora,

[...] o trabalho com esse material torna possível dar visibilidade ao que estava destinado ao silêncio e ao esquecimento. Trata-se aqui de utilizar-se desse gênero que pretende “contar a verdade”, mas rompendo, ao mesmo tempo, com a ideia de que um diário é meramente pessoal, ou seja, transformando-o pelo trabalho histórico, em algo com uma amplitude social maior: enquanto relatos ou representações de vida, os diários não se atêm a meros detalhes da intimidade, mas a ultrapassam ao incluir reflexões sobre a história pública (CUNHA, 2000, p. 161).

Sabemos que pouco restou da materialidade do passado. Por inúmeros motivos, a maioria dos escritos produzidos já não existe mais, ficaram esquecidos, foram descartados, por vezes estão inacessíveis. Eliane Lopes e Ana Galvão (2010) explicam que a seleção com vistas à preservação é feita ou por quem produziu o material, por quem por algum motivo faz triagens, conserva ou não porque julga não ser relevante, por quem organiza acervos e pelo decurso do tempo. Elas complementam dizendo que “o passado será sempre um conhecimento mutilado, só conta aquilo que foi possível saber a respeito do que se quer saber. O passado é uma realidade inapreensível” (LOPES; GALVÃO, 2010 p. 79). Por diversos motivos, por questões afetivas essencialmente, esse diário foi guardado, primeiro pela própria Malvina que fez uso dele durante sua vida, até o final, depois por seus familiares, zelosos em preservar suas memórias. Malvina faleceu em fins da década de 1930 e seu caderno chegou às mãos de uma das autoras do texto em 1996. Nesse sentido, indaga-se: Por quantas pessoas ele passou antes disso? Quantos leram e refletiram sobre a vida daquela mulher? Em quantas gavetas o diário habitou? Quantas mãos o manusearam? Quantas vezes a própria Malvina teria aberto o caderno, lido e relido seus escritos, acrescentado outras coisas? Ter-se-ia emocionado (assim como nós) ao *reviver* o passado lá sedimentado?

O caráter ordinário dos textos autobiográficos os aproxima da compreensão ampliada da noção de documento proposta pela História Cultural e isso diz muito à História da Educação. O diário é um ‘documento monumento’ (LE GOFF, 1996) que promove aproximações de inúmeros aspectos vividos naquele tempo, percebidos pelas lentes de Malvina, pelo olhar dela para o mundo.

O caráter lacunar dessa fonte é um fato, fato comum a qualquer fonte, sempre teremos mais perguntas que respostas, mas isso não inviabiliza o seu potencial investigativo. Para além das evidências, valorizamos nesses documentos as possíveis fissuras e contradições na narrativa, interessa aquilo que o diário é capaz de dizer sobre o tempo vivido por aquela mulher. Segundo Artières (1998), da vida escrita e posta no papel, retemos apenas alguns elementos, “[...] não guardamos todas as maçãs de nossa cesta pessoal. Fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência, omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque” (ARTIÈRES, 1998, p. 2).

Mas e o que podemos fazer com essa fonte? Sabemos que ela não

fala por si só, é preciso estranhá-la, desnaturalizá-la, tensioná-la. Ao longo do texto, procuramos reforçar a importância da operação historiográfica, na construção de hipóteses que problematizassem esses escritos, na busca pelo cruzamento com outros documentos que pudessem, juntos, melhor compreender a história vivida por Malvina e, do mesmo modo, melhor entender outras experiências coletivas que se atravessaram em sua existência.

Assim, que perguntas poderiam ser feitas ao documento analisado? Que narrativas do passado foram evidenciadas? Ao escrever, o que Malvina dizia, de onde dizia e por que dizia? O que desejava preservar? O que gostaria de manter em segredo? Qual foi a lógica que procurou imprimir? Quais foram as exclusões e interdições que se estabeleceram em suas práticas de escrita?

Folhear o arquivo dela, procurando compreender as particularidades de seus itinerários pessoal e profissional, permitiu a nós refletirmos sobre as práticas de memória feminina e as de memória docente. O diário é um arquivo pessoal feminino, no qual sua autora elabora e celebra o sentido da vida, registra vivências, testemunha práticas cotidianas. Seus escritos são o fio condutor deste texto e permitem reconstruir, de muitas formas, a vida da professora. Como afirma Mignot (2000b), o arquivo pessoal é uma extensão da própria titular, indica o caminho, o percurso e os desvios da trajetória. Nesse sentido, Foisil (1991) explica que a documentação escrita permite ao historiador acessar a vida privada, tanto nos seus aspectos íntimos quanto públicos. Os silêncios, relativos ao protagonismo das mulheres na história, são minimizados a partir do momento em que as escritas íntimas, como cartas, poemas e diários, são entendidas pelos historiadores como documentos, e da análise da vida íntima e privada emergem possibilidades, ainda que inicialmente acanhadas, de dar visibilidade ao universo feminino e sua participação e importância como sujeitos da história (PERROT, 2005).

Como se constituiu o diário de Malvina

Logo na primeira página, aparecem as intenções do diário: “Este caderno pertence a Julia Malvina Hailliot Tavares e deve servir para diversos assentamentos” (TAVARES, [entre 1898 e 1938], p. 1).

Embora a maior parte do texto seja manuscrito, essa frase inicial é feita com carimbos em formato gótico, assim como todos os títulos. No

canto esquerdo dessa primeira página, essa autora colou uma imagem de uma santa, a qual não conseguimos identificar, o que denota sua religiosidade e, abaixo, com sua letra, diz que o caderno foi “[...]oferecido por meu estimado cunhado Lourenço Leão Langendonch em 1891” (TAVARES, [entre 1898 e 1938], p. 1). Tendo ela nascido em 1866, tinha 25 anos, havia casado há menos de um ano quando recebeu o presente que acompanharia sua vida.

Descrevendo o suporte de escrita em sua materialidade, importa dizermos que se trata de um pequeno caderno, em formato brochura, suas dimensões são 20 cm de comprimento por 14 cm de largura. É um caderno com 100 páginas, as quais ela numerou até 80. Está quase completamente preenchido, apenas duas páginas em branco, que seriam as de número 90 e 92.

É interessante pensar no fato de o cunhado oferecer um caderno como lembrança. Estamos falando de um ambiente marcado por professores, pois, assim como Malvina, suas irmãs, Honorina e Francisca, devem ter sido encaminhadas à Escola Normal de Porto Alegre, e uma delas, Honorina, veio a casar-se com Langendonch³. Então, um suporte de escrita nesse formato parecia ser uma bela oferta como presente a uma mulher escolarizada, dotada de capital cultural que, de certa forma, distinguia-a da maioria das mulheres daquele contexto histórico. Pensando nos dias de hoje, é no mínimo curioso imaginarmos como um caderno, um artefato tão simples, tão difundido na sociedade contemporânea, tenha se constituído em um elemento quiçá fundamental para Malvina e que permitiu o arquivamento de sua vida.

Ao folhear as páginas, passamos pelos títulos criados pela autora para nomear os temas que desejava abordar. Esses títulos podem ser entendidos como eixos ou categorias por meio das quais organizou e sistematizou sua vida, elegendo assuntos que avaliou serem relevantes como sínteses de sua existência. Assim, a cada duas páginas aparecem: Casamentos, Nascimentos, Baptizados, Óbitos, Aniversário dos parentes e pessoas de amizade, Mudanças, Nomes dos afilhados e afilhadas, Nomes dos compadres e das comadres, Nomes dos sobrinhos e das sobrinhas, Nomes dos parentes por parte do marido, Nomes dos cunhados e das cunhadas, Outros apontamentos, Notas avulsas.

É possível que Malvina tenha iniciado a escrita do caderno anos

³ Informações fornecidas pelos netos de Malvina Tavares em 1996.

depois de recebê-lo. Entretanto, notamos que, a partir do momento em que definiu os temas, passou a fazer uso sistemático do diário, ali colocando aquilo que considerava importante arquivar, não houve, portanto, uma escrita linear, cronológica. Um exemplo que nos ajuda a validar essa hipótese é que em uma mesma página a letra da autora muda, inicialmente o traçado é firme, no final é trêmulo, indicando sinais da velhice daquela que insistia em não parar de escrever. Da mesma forma, o planejamento inicial previa duas páginas para cada assunto, mas, no item ‘Nascimentos’, começou registrando os nomes dos filhos, seguidos de breves anotações e, na continuidade, os nomes dos netos. Não havendo mais linhas disponíveis, Malvina usou as margens, valeu-se dos mínimos cantinhos das folhas para deixar inscritas informações que não deveriam ser esquecidas.

Na escrita do diário, misturam-se elementos de foro íntimo, da esfera familiar e da vida coletiva. Essa confluência entre o individual, o familiar e o coletivo produz uma memória que “[...] comporta o pertencimento a um grupo e, como tal, pode ser tratada como uma forma de memória coletiva” (CUNHA, 2009, p. 259).

Há uma preocupação no diário com a precisão de nomes de pessoas, lugares e datas, então o nascimento dos filhos, o dia, mês, ano e o lugar, o mesmo em relação aos netos, numerou-os até o número 26. Também são elencados os afilhados, que são muitos, o que leva a considerarmos a posição de liderança de Malvina na comunidade. Pode ser que essa quase obsessão com a exatidão das informações fosse um traço de sua personalidade, mas temos que considerar também o suporte de escrita que aqui é objeto de investigação, ou seja, um caderno pessoal. Trabalhamos com a hipótese de que, ainda que inconscientemente, a autora manifesta o desejo de que outros a leiam, assim, registra com rigor, na busca que seus escritos tenham perenidade, sobrevivam à passagem do tempo. O estudo do diário traduziu-se na possibilidade de entendermos um fragmento da cultura feminina de uma época que pode ser “[...] pensada em sua importância, redescoberta em sua novidade, revalorizada em sua possibilidade de contribuição, antes ignorada e subestimada” (RAGO, 2013, P. 25).

Uma filha de franceses que estuda na Escola Normal de Porto Alegre

Julia Malvina Hailliot Tavares nasceu em 24 de novembro de 1866, na cidade de Encruzilhada, município da então Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, filha de imigrantes franceses, François de LalemodeHailliot, natural da região de Bordeaux, e Henriette SouleauxHailliot, natural de Marselhe. Interessante que ela não cria um título para a história de seus ancestrais, esses fatos aparecem no item ‘Outros apontamentos’. Em seu diário, registra: “Minha mãe Henriqueta nasceu no castelo de seu pai em Bordeus. Os Lalemode perderam seu patrimônio na revolução que derrubou a Bastilha que fez a França República” (TAVARES, [entre 1898 e 1938], p. 45).

Segundo relatos de familiares, com suas irmãs teria estudado na Escola Normal de Porto Alegre em fins do século XIX. A profissão de professora é algo forte na sua identidade, embora não tenha destacado no caderno pessoal esse tema como um eixo de sua vida, assim como fez com o casamento. Entretanto, a marca da professora está presente a todo o momento, como veremos a seguir.

Pela análise do diário, não sabemos ao menos se Malvina chegou a frequentar essa instituição de ensino, por exemplo, não se tem acesso às informações referentes o ano de ingresso, de formatura, fato curioso, considerando que é uma marca de estilo de Malvina a precisão de datas.

Por ter nascido em 1866, supomos que, se Malvina frequentou a Escola Normal, deve ter sido na década de 1880⁴. Como nada menciona sobre isso em seus escritos pessoais e igualmente nada encontramos na documentação oficial, surgiram vários questionamentos. Teriam Malvina e suas irmãs de fato estudado nessa escola? Todavia, pelo repertório cultural evidenciado a cada página do diário, é difícil crer que fosse uma professora leiga, sem instrução formal. Aqui, mais uma vez, o paradigma indiciário se fez presente e o próprio diário, de modo indireto, apresentou-nos possíveis respostas ao que buscávamos. Ao olhar para a página em

⁴ Em pesquisa ao Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, constatamos que a documentação sobre a referida instituição de ensino é precária. Ao consultarmos sobre os documentos da Secretaria da Escola Normal, verificamos que há muitas lacunas, a documentação carece de higienização, o ambiente não é climatizado e nada se encontrou acerca da aluna Julia Malvina Hailliot Tavares, nem mesmo sobre suas irmãs. Isso reforça a importância do livro de Regina Schneider (1993) sobre a Instrução Pública no Rio Grande do Sul no século XIX.

que há um acróstico, eis que nos deparamos com a autoria, escrita nas marginais: “Acróstico Julia Malvina Hailliot, oferecido pela amiga poetisa Cândida de Oliveira Forte, de Cachoeira” (TAVARES, [entre 1898 e 1938], p. 85). Pesquisamos a identidade⁵ desta e descobrimos ter sido ela uma professora referência da cidade de Cachoeira⁶, poetisa, escritora, e, o mais importante, as informações indicam que se formou na Escola Normal de Porto Alegre em 1885. Portanto, somos levadas a acreditar que Malvina e Cândida foram colegas na referida instituição de formação docente e que, talvez, a amizade tenha acompanhado a vida de ambas por muitos anos. A poetisa nasceu em 1862, quatro anos antes de Malvina, casaram-se no mesmo ano, 1901, mas, ao contrário da amiga, Cândida não teve filhos, dedicou-se ao magistério, a escrever na imprensa local e publicou, inclusive, um livro intitulado *Fantasia*. Outro aspecto curioso é que, no fim do acróstico, Malvina escreve ‘Canolifor’, e, pela breve pesquisa que fizemos, descobrimos que, ao longo da vida, Cândida costumava usar essa expressão como identificação da autoria de seus escritos, sendo as iniciais de seu nome de solteira. No acróstico, Malvina também aparece com o nome de solteira, o que reforça a hipótese de a amizade ter se iniciado nos anos de juventude.

Ainda que não seja o objetivo deste estudo discorrer sobre a história da Escola Normal do Rio Grande do Sul, essa faz parte do contexto de vida e construção identitária dessas duas professoras, Julia Malvina Hailliot e Cândida de Oliveira Forte.

O livro de Schneider (1993) é uma obra importante acerca da instrução pública do Rio Grande do Sul nos séculos XVIII e XIX. Em 1860, a Assembleia Legislativa Provincial autorizou a Presidência da Província a estabelecer na capital uma Escola Normal de instrução primária. Na década de 1880, com relação às matrículas, por exemplo, era necessário que a aluna contasse com no mínimo 13 anos e prestasse o exame de admissão. Entre as disciplinas ministradas em 1889, constavam língua nacional, matemática, pedagogia, geografia geral, geografia do Brasil, história antiga, média, moderna e contemporânea, história do Brasil, Constituição Política do Brasil, elementos de ciência econômica e mitologia, ciências naturais (cosmografia, física, química, geologia,

⁵ Essas informações foram consultadas no site do Museu de Cachoeira do Sul (www.museucachoeira.com.br)

⁶ Hoje município de Cachoeira do Sul, localizado na região central do Rio Grande do Sul.

mineralogia, botânica, zoologia e agricultura), alemão, aula de desenho, aula de música. (SCHNEIDER, 1993, p. 452).

A autora registra que, a partir de 1881, o número de alunos, e especialmente alunas, aumentou sensivelmente, o que evidencia o valor que a instituição Escola Normal assumia na sociedade rio-grandense. A título de exemplo, no ano 1885, data da formatura de Cândida Fortes, a Escola Normal contava 44 alunos e 75 alunas e 13 diplomados (SCHNEIDER, 1993, p. 450). Entretanto, nem todos os discentes chegavam a concluir a formação. O diretor da Escola Normal aponta possíveis causas para essa desproporção entre o número de matriculados e o número de diplomados. Primeiramente, sinaliza a quantidade de alunas que se retiravam do curso após cursarem o primeiro e segundo anos, “[...] julgando-se suficientemente preparadas para seguirem diversas atividades ou serem boas mães de família” (SCHNEIDER, 1993, p. 451). Em outros casos, os alunos evadiam, pois, tendo algum tempo frequentado a escola, era-lhes possível o exercício do magistério primário, o que conseguiam como professores contratados de diversas aulas públicas, permitido pelo Regulamento da Instrução Pública em vigor. Há uma probabilidade de que Malvina se enquadrasse em uma dessas situações.

Cumprir destacar que Schneider (1993) apresenta uma listagem com os nomes de alguns diplomados da Escola Normal da década de 1880 e nela não constam nem o nome de Malvina, nem de suas irmãs e nem o de Cândida. Entretanto, aparece o nome do futuro cunhado de Malvina, casado com Honorina, Lourenço Leão von Langendonck, que obteve o ‘diploma simples’ de professor em 1887.

O casamento e a profissão de professora

Malvina elege o ‘Casamento’ como marco inicial de seu caderno pessoal, coerente com contexto vivido e com a situação das mulheres em fins do século XIX. Ele é o primeiro título, seguido pela informação: “Casei-me no dia 15 de outubro do ano de 1890, quarta-feira, as 5 e meia horas da tarde, pelo civil a rua da Azenha, n. 106” (TAVARES, [entre 1898 e 1938], p. 4).

No meio do caderno, colou uma nota de jornal que fala do seu enlace matrimonial:

Juízo dos casamentos

Faço público que contrataram casar-se o cidadão José Joaquim Tavares, natural de Junqueira de Cima (Portugal) com D. Julia Malvina Hailliot, natural da vila de Encruzilhada, neste Estado, ambos residentes nesta cidade e pelos documentos que exibiram justificaram-se livres e sem impedimento algum conhecido que os iniba a este ato. Porto Alegre, 11 de setembro de 1890 (TAVARES, [entre 1898 e 1938], p. 28).

Fato que consideramos inusitado é a prioridade dada pelo casal ao casamento civil, considerando que a união dos dois ocorreu no ano seguinte à Proclamação da República. Fizeram a cerimônia na igreja um tempo depois, quando já tinham filhos. Assim descreve: “Casei-me religiosamente na Igreja de São Rafael no dia 12 de janeiro de 1896 após 5 anos e meses de casada pelo civil”. (TAVARES, [entre 1898 e 1938], p. 4).

O que teria levado Malvina e José Tavares à tamanha valorização do ato civil em detrimento da celebração religiosa? Transgressão, vanguardismo em fins do século XIX? Adesão aos ideais republicanos, os mesmos ideais que, segundo ela, afetaram a vida de seus familiares na França? Talvez o discurso religioso não a mobilizasse tanto, mas o fato é que há indícios nos escritos que demonstram o contrário. Essa é uma das faces de Malvina que nos instiga a querer conhecê-la mais.

Essa mulher abordou acontecimentos de sua vida íntima e neles mesclou eventos de ordem política, assim, privado e o público misturam-se no texto. Ao registrar o nascimento dos filhos, por exemplo, se um fato da vida coletiva lhe interessava, relacionava-o à data do nascimento e registrava assim: “[...] quarto Aristides, nascido a 28 de agosto do ano de 1895, quarta-feira, às 7 horas da noite. Dia da Paz da República, em Porto Alegre” (TAVARES, [entre 1898 e 1938], p. 7).

Os primeiros anos do casamento não parecem ter sido tranquilos. Não ao acaso, um dos títulos é ‘Mudanças’ e ali ela descreveu um pouco da vida itinerante da família até a chegada em São Gabriel do Lajeado⁷, quase uma década após o casamento. Inicialmente, viviam em Porto Alegre e lá residiram em diferentes lugares, em áreas periféricas da cidade, como o Arraial da Glória. Em 1898, abandonaram a cidade e

⁷ Atualmente município de Cruzeiro do Sul

foram para o município de Encruzilhada, terra natal de Malvina. Parece que foi nesse momento que o magistério como profissão começou a se fazer presente em sua vida e no diário, pois escreveu que chegaram a Encruzilhada no dia 19 de agosto e, na sequência, destaca: “[...] tomei conta de minha cadeira no dia 22 do mesmo” (TAVARES, [entre 1898 e 1938], p. 14).

Foi lá no item ‘Outros apontamentos’ que registrou o início de sua vida profissional: “Fiz concurso para a cadeira de Encruzilhada nos dias 11-12-13 de julho de 1898, fui nomeada no dia 19 do mesmo e tomei conta do magistério no dia 22 de agosto de 1898” (TAVARES, [entre 1898 e 1938], p. 15).

Pelo tom como descreveu a ‘abertura da aula’, observamos que a professora atribuiu importância ao início da profissionalização e podemos até pensar que o seu ingresso no magistério público garantiu certa estabilidade à família, afinal, depois só houve mais uma mudança de cidade para São Gabriel do Lageado, onde permaneceram e criaram os filhos, embora as trocas de residências ainda continuassem. Outro aspecto relevante é o uso da primeira pessoa do singular em muitos momentos do caderno, como este: “Parti de Encruzilhada no dia 20 de março de 99, chegando em minha nova residência São Gabriel do Lageado a 27 de março do mesmo as 7 horas da manhã, abrindo a Aula a 28 dia seguinte” (TAVARES, [entre 1898 e 1938], p. 14).

As últimas informações do diário datam do final da década de 1930 e talvez sejam essas dentro do eixo ‘Mudanças’. Então, percebemos que o diário atravessa mesmo sua trajetória, pois até o final Malvina preocupou-se em arquivar acontecimentos tanto da vida pessoal, como de filhos e netos:

Mudamos para nossa nova casinha na esquina dia 27 de janeiro de 1937. Penso ser a última morada, que Deus nos dê ainda alguns anos de vida para gozar nossa bela casinha.”; “Minha filha... foi de muda com seu esposo para Anta Gorda dia 11 de outubro de 1938 me deixando numa tristeza grande com a falta dessa querida filha e netinhos queridos... [...]” (TAVARES, [entre 1898 e 1938], p. 15).

De todas essas análises, depreendemos que Malvina fosse uma

condutora da família, em nenhum momento do diário é dito algo sobre o trabalho do esposo. Podemos pensar: será que não valorizava o ofício dele? Aqui constatamos mais uma transgressão aos padrões vigentes, pois Malvina era professora pública, ela recebia seu salário e com ele sustentava a família. Na seção ‘Outros apontamentos’, colou outra notas de um jornal da época por ocasião da comemoração dos 25 anos do seu casamento. É muito interessante observar o texto publicado.

Pelo Estado

Festejaram a 15 do corrente [ela acrescenta “de outubro 1915”] suas bodas de prata o sr. José Joaquim Tavares e sua esposa, exma. Sra. D. Julia Malvina Hailliot Tavares, professora pública do lugar denominado São Gabriel do Lageado. Comemorando a data suas alunas improvisaram um espetáculo levando a cena alguns dramas e comédias.

O desempenho dado pelas senhoras e crianças que tomaram parte nas representações foi satisfatório, recebendo todas muitos aplausos...

[diz que na sequência houve uma reunião dançante que se prolongou...] (TAVARES, [entre 1898 e 1938], p. 28).

O texto informa a profissão dela em destaque e nada sabemos sobre a profissão dele. Malvina era a provedora do lar e, no caderno, bem ao final, nas últimas páginas, apresenta os seus vencimentos como professora do Estado, em uma cópia de recibo de pagamento do salário.

158\$000

Recebi do corresponde ao mês cidadão Fidelis José da Silva coletor das rendas do Estado nesta villa a quantia acima expressada de cento e cinquenta e oito mil reis de conformidade com a portaria da Diretoria das rendas e despesas públicas do Estado, sob o número 11 de 4 de Agosto de 1898, sendo 93,333 reis de meu ordenado e 46,666 de minha gratificação como professora da cadeira do sexo masculino desta villa e 18000 para aluguel, água e asseio da aula, de tal p.p. (TAVARES, [entre 1898 e 1938], p. 96).

410\$600

Recebi do Ilmo Sr. Coletor das Vendas e despezas públicas do Estado nesta villa a quantia acima a que tenho direito como professora pública publicada por acto n. 62 de 22 de dezembro de 1933, correspondente ao mês de findo.

Lageado,

J.M. H. T.

(TAVARES, [entre 1898 e 1938], p. 98).

Por meio de um diário de foro íntimo, podemos descobrir informações que revelam questões pertinentes à História da Educação do Brasil e à profissão de docente, aqui especialmente informações referentes às políticas públicas da educação, vigentes na década de 1930 no Rio Grande do Sul. Os recibos indicam que a professora incorporava ao salário um adicional por dar aulas aos meninos e também por ceder uma parte de sua casa para o funcionamento da escola. O aluguel da sala cumpria uma função importante na organização econômica familiar, tendo em vista o complemento do salário da professora.

Estamos falando das primeiras décadas da república em que as promessas da ampliação da escolarização esbarravam em muitos problemas, entre eles, a falta de prédios específicos para abrigar escolas, especialmente no meio rural. Era nesse contexto que parte da casa de Malvina transformava-se em sala de aula, eram as chamadas ‘escolas de improvisado’ (FARIA FILHO; VIDAL, 2000) que, em tese, deveriam ser substituídas pelas ‘escolas monumento’, difundindo a valorização da escolarização para a população brasileira. Além disso, o texto do recibo evidencia os discursos do higienismo (NUNES, 2000) que também se disseminavam pela sociedade daquele período. Na situação concreta, não bastava Malvina alugar ao Estado peças de sua residência para sediar a escola, era preciso cuidar e garantir o asseio da mesma. Então, uma página do diário revela facetas da organização escolar no início do século XX; importa lembrarmos que o fato de ceder parte de sua casa, para que ali funcionasse uma escola, era prática recorrente entre as professoras públicas, sendo, posteriormente, substituída pela implantação dos grupos escolares.

Como já destacado, os indícios levam a crer que os provimentos

recebidos como professora do Estado eram fundamentais para a manutenção da família. Nesse sentido, é interessante um poema, provavelmente escrito por Tavares e copiado por ela, que demonstra uma espécie de resignação do autor de sua situação de ‘inferioridade’ diante da esposa e das cunhadas, todas professoras. O poema é uma homenagem à cunhada, Honorina, esposa de Langendonch, por seu tempo de vida dedicado ao magistério.

Faz hoje 27 anos
Que entrou no magistério
Pelo seu grande talento
E pelo seu bom critério
Eu vos cumprimento hoje
Em data comemorial
Por ser uma professoras
Das primeiras da capital.
Na glória esteja o Ente
Que para a escola lhe mandou
Abençoada seja aquela
Que o tempo aproveitou.
O talento é grande coisa
Para quem o sabe aproveitar
Mas eu que o não conheço
Meu alívio é chorar.
Mas eu desde já lhe dou
Meus sinceros parabéns
Pois daqui a poucos anos
Sem trabalho goza os vinténs.
Este dinheiro tão bem ganho
Recebe-se em prata e cobre
No fim do mês é mui lindo

Mas isso é pra quem pode.

Desde já peço desculpas

Se me torno imprudente

Pois que sou um soldado raso

Não posso tirar patente (São Gabriel, 10 de junho de 1903, p. 82)⁸

Viva a República

Viva a Instrução

Viva os Hailliot

Viva os Langendonch

E viva o poeta destes, J. J. Tavares que se tivesse estudado era grande na história do seu Portugal

(TAVARES 1903 apud TAVARES, [entre 1898 e 1938], p. 82-85).

Tavares (apud TAVARES, [entre 1898 e 1938], p. 84) se considerava “[...] soldado raso [...]” diante da cunhada, do cunhado e, conseqüentemente, diante da esposa, Malvina, quase como em um lamento diz que lhe resta chorar, por não ser talentoso, por não ter uma profissão legitimada socialmente, por não receber o salário de professor, pois, segundo ele, “[...] isso é só pra quem pode [...]”. Por fim, notamos a assimilação do discurso da escolarização como elemento fundamental que promove a ascensão social, pois Tavares se autodefine como alguém que não teve sucesso e isso se deve à falta de estudo.

Uma professora anarquista?

Outro aspecto a ser discutido refere-se às ditas aproximações de Malvina do pensamento libertário, especialmente considerando suas práticas educativas. A provável identificação de Malvina ao anarquismo foi difundida na década de 1990⁹ e ainda se faz presente em diferentes sites da internet, com destaque entre a Federação Anarquista do Rio

⁸ Essa referência identifica a localidade em que viviam Malvina e José Tavares, São Gabriel do Lageado e provavelmente revela a data da escrita do poema.

⁹ A identificação de Malvina Tavares ao pensamento libertário é a tese defendida por João Batista Marçal (1995).

Grande do Sul (FARGS).

Mas, de onde viriam tais ideias? Malvina teve inúmeros afilhados em São Gabriel do Lageado, nominados em seu diário, entre eles, Eulina e Espertirina Martins, família associada ao movimento anarquista no Rio Grande do Sul¹⁰. Então, os membros dessa família, meninos e meninas, foram alunos de Malvina e, quando adultos, tornaram-se dirigentes anarquistas, além de se dedicarem à docência nas escolas libertárias em Porto Alegre entre os anos 1910 e 1920 (MARÇAL, 1995). Sobre Espertirina, existe uma mística a seu respeito, ela é ícone da Federação Anarquista Gaúcha: o Ateneu Libertário (FARGS), pela sua participação como uma das protagonistas da Batalha da Várzea na Greve Geral de 1917.

Pela documentação consultada, percebemos, mais uma vez, a posição de liderança de Malvina Tavares em sua comunidade. Entretanto, daí a afirmar que Malvina era uma ‘professora anarquista’, há uma distância, que, nos limites da investigação desenvolvida até o momento, não podemos sustentar.

Não obstante, é preciso dizer que alguns dos valores caros ao pensamento libertário, como solidariedade, responsabilidade, cumprimento às regras, altruísmo, foram difundidos por aquela professora. Um exemplo de sua personalidade, lembrado pelos familiares, era o propósito constante de Malvina em ajudar os outros. Assim, ia de barco pelo rio Jacuí até Porto Alegre levar roupas e mantimentos aos órfãos do Pão dos Pobres em Porto Alegre. Nesse sentido, foi encontrada uma placa com o seu nome nos subterrâneos da catedral de Porto Alegre que passou por uma reconstrução na década de 1920. As placas mostram os nomes de todas as pessoas que, de alguma forma, ajudaram nesse processo de reconstrução. Coerente com seu tempo, era uma mulher católica, e essa é uma marca em seus escritos, basta vermos as inúmeras vezes em que as referências a Deus comparecem no diário.

Repertório cultural de Malvina: práticas de leitura, de escrita, de civilidade

Quais seriam as relações de Malvina com as leituras? Pelas práticas

¹⁰ Sobre esse tema, ver Corrêa (1987).

de escrita no diário, podemos inferir algumas facetas sobre o que Malvina lia, pois, no caderno, selecionou fragmentos de suas leituras que foram copiados e há outros textos, em forma de poesia, sem autoria, o que nos leva a crer que tenham sido produzidos por ela. Assim, é possível certo rastreamento dessa filha de imigrantes franceses, que vive a juventude e a maturidade entre o fim do século XIX e primeiras décadas do século XX, uma pessoa que carrega um repertório cultural que, de certo modo, diferenciava-a dos padrões culturais vigentes em uma comunidade interiorana do Rio Grande do Sul, especialmente considerando a formação das mulheres naquela temporalidade.

Em seus escritos, demonstra determinada sofisticação cultural, notamos seu apreço pela poesia, por pensamentos, em um emaranhado de temas que vão desde a religiosidade cristã, preceitos de civilidade e gosto pela língua francesa. É nas paginas do diário que conseguimos situá-la dentro de determinados horizontes do que constituía suas identidades de mulher, esposa, mãe, professora, leitora e escrevente.

Os poemas começam a aparecer na seção ‘Notas Avulsas’ e dão a entender que copiou aquilo que a agradava e, assim, escolheu preservá-los no seu caderno. Entre a literatura nacional, vemos que Malvina apreciava autores contemporâneos seus, como poesias de João Pereira da Costa e Silva (1836-1897), especificamente, *O filho exilado*. *Quem dá os pobres empresta a Deus*, de Castro Alves (1847-1871), *Aquele ranchinho*, de Francisco Lobo da Costa (1853-1888).

E como Malvina tinha acesso a esses autores? Ao procurarmos indícios sobre essas leituras de Malvina, deparamo-nos com a revista *Lyra Popular Brasileira: completa e escolhida coleção de modinhas, recitativos, lundús, duettos, canções e poesias*, coordenada por José Vieira Pontes, de 1927 (PONTES, 1927). Nessa obra, consta o poema de João Pereira da Costa e Silva, que assina como Costa Lima, *O filho exilado* (PONTES, 1927, p. 64-69), cuja cópia ocupou mais de dez páginas do caderno.

É possível que Malvina fosse possuidora dessa obra. Indagamos por que escolheu transcrever esse poema tão longo. Como filha de imigrantes e esposa de um português, pode ser que as memórias de seus antepassados, ainda que vicárias, tivessem forte significado para ela. Entretanto, há outras possíveis relações que se somam na tentativa de entendermos suas intenções. A narrativa enfatiza a tristeza da mãe que fica a chorar enquanto o filho vai embora para outro lugar. Como não sabemos

quando Malvina fez a cópia, podemos concluir que o fez na fase mais sombria da vida, quando se lamentou da solidão pelo abandono dos filhos que se foram e a deixaram em São Gabriel do Lajeado. Esses versos são emblemáticos: “Vai com a Virgem, vai ó filho, Não te esqueças nunca os teus, E aqui deixas desolada, a tua mãe desventurada, Vai meu filho, vai, adeus” (TAVARES, [entre 1898 e 1938], p. 95). Ao final do poema, intensifica-se o amor da mãe, nesses versos: “Qual amor que se compara ao amor que ela nos têm? Oh! De certo que no mundo não amou assim ninguém! Se choramos, ela chora, se nos rimos, ri também. Ai! Que amor... amor tão santo. É o amor de nossa mãe” (TAVARES, [entre 1898 e 1938], p. 82).

E o poema *Aquele ranchinho*? O autor, pelotense, talvez fosse uma referência para ela. O conteúdo apresenta uma trama complexa com elementos da prosa, um enredo que se desenrola permeado por uma história de amor, um triângulo amoroso, em que sentimentos como a perda, a paixão, o ciúme se fazem presentes.

É preciso destacar também o poema *Portugal*, sem autoria, exaltativo daquele país. Quiçá tenha sido escrito por Malvina, como homenagem ao esposo, de nacionalidade portuguesa. O texto apresenta fatos conhecidos da história de Portugal, desde o processo de expansão marítima ainda no século XV. Vale citar esses versos: “Salve Portugal, Torrão ditoso gentil, Tu és da Europa o jardim, Encerras belezas mil, As tuas glórias se reflectem Entre os filhos do Brazil!” (TAVARES, [entre 1898 e 1938], p. 51).

A profissão docente se evidencia em três poemas, sendo dois deles, *Para recitar em collegio*, e, em seguida, versos que falam da importância da professora parecem ser de sua autoria.

Para recitar em collegio

É vindo o tempode mostrarmos todos
os nossos prêmios aos queridos pais
mas entre os risos do folgar festivo
eu já lobrigó doloridos ais.
Já vejo agudos e cruéis espinhos
entre as mil flores do prazer louvais

vou-me apartar da vice-mãe distinta
e das collegas que eu me julgo irmãs
Bem sei que as férias são prezadas certo
por quem ao estudo se entregou com fé
bem como o oásis do deserto é grato
a quem na areia se queimou seu pé (TAVARES, [entre 1898 e 1938], p. 57).

[Poema sem título]

Professora os sentimentos
De um pequeno coração
Todos eles se resumem
Na palavra gratidão.
Os vossos ternos cuidados
A vossa solicitude
Em proteger a inocência
Com o escudo da virtude.
Companheiras corramos à escola
Lá brincando se aprende a lição
Alegremos aos pais e aos mestres
Seja pois nosso norte -instrução” (TAVARES, [entre 1898 e 1938], p. 59).

São escritos em que a face Malvina professora se revela com maior intensidade. O valor ao estudo, a professora como ‘vice-mãe’, os colegas que são como irmãos são demonstrados no primeiro poema. Entretanto, é o segundo que mais nos instiga à reflexão, pois a ternura, docilidade, o cuidado da professora para com os alunos fazem com que as crianças quisessem “[...] correr à escola [...]” (TAVARES, [entre 1898 e 1938], p. 59). E talvez o verso mais emblemático, “[...] lá se aprende a lição [...]” (TAVARES, [entre 1898 e 1938], p. 59), antecipa o discurso da Escola Nova, na proposição de uma escola ativa, que tivesse a criança como centro do ensino aprendizagem.

Malvina nos brinda com o poema *Le petit enfant* e, nesse caso, diferente de todos os outros, preocupa-se em colocar a referência de onde retirou o texto o *Livre de lecture pour les ecoles Du canton de Fribourg* (1875). É instigante tentar descobrir como esse poema chegou até Malvina. Seria ela possuidora da obra? O livro teria vindo com os pais, imigrantes franceses? Ou teria sido adquirido por ela? Onde estará hoje? Importante destacar que estamos falando de uma época de intensa circulação de livros franceses no Brasil e, no caso do Rio Grande do Sul, não podemos esquecer as características culturais da cidade de Pelotas e o apreço dos pelotenses por tudo que se referia à França. Encruzilhada, a cidade natal de Malvina e lugar de moradia da família durante um tempo de suas vidas, fica a 180 km de Pelotas. Nesse sentido, cabe supormos que Malvina poderia ter até mesmo outros livros em francês.

O poema é narrado na primeira pessoa do singular, trata-se de uma criança que, apesar de se considerar pequena, valoriza o esforço para ser um bom aluno, valoriza a escola como lugar onde se aprende a ser bem educado, sem abandonar o tom religioso.

As frases que estão nas páginas dos ‘Pensamentos’ também nos mostram um pouco de suas referências culturais, seus valores, suas crenças. Falam sobre sentimentos como esperança, misericórdia, polidez, humildade, brio, saudade. Reconhecem a importância do trabalho e do estudo para as mulheres. O tema da infância também é apreciado. Desatacamos alguns: “Uma mulher bem instruída equivale a um diamante de primeira água”; “O trabalho torna o prazer mais sensível e a dor menos amarga”; “A obediência é a primeira virtude da criança”; “O menino dócil é como um anjo na família” [...]”(TAVARES, [entre 1898 e 1938], p. 51).

Persiste a impressão de que a cada novo mergulho em suas páginas, seguem-se novas descobertas e possibilidades de interpretação que não haviam sido pensadas. Entretanto, é preciso ainda dizer o quanto é surpreendente examinar o final do caderno. Ali há (mais) uma transgressão, pois a autora subverteu aquele planejamento inicial, visto que, numa sequência de poucas páginas, ela arquiva um poema, receita de “[...] bolo de nozes [...]”, de “[...] esquecidos [...]” e “[...] licor higienico [...]”, acompanhados de dados do cotidiano, como “[...] números de caderneta [...]” [...]”(TAVARES, [entre 1898 e 1938], p. 96), provavelmente uma identificação civil dela, do Tavares e de alguns filhos. Em linhas abaixo escreveu: “Desmamei o Aristides no dia 10 de maio de 97” [...]”(TAVARES, [entre 1898 e 1938], p. 96). E ainda acrescentou um

modelo de procuração, constituindo provavelmente um dos filhos como seu procurador para receber o salário em seu nome:

Cópia de procuração em mão

Constituo meu bastante procurador na cidade de P.A. Ao Sr. F. T. Para receber durante o corrente ano, no Thesouro Estadual os vencimentos a que tenho direito como professora pública do Estado.

(TAVARES, [entre 1898 e 1938], p. 96).

Embora houvesse um planejamento inicial, ao final do caderno pessoal, Malvina subverteu, fez outros usos e misturou assuntos diversos, escapando à normatização prevista anteriormente. Em meio a seus guardados, deixou escrito aquilo que pretendia imortalizar.

Outra aproximação: o caderno de uma aluna de Malvina

Buscando uma maior aproximação da professora Malvina Tavares, localizamos outro documento, um caderno que pertenceu a Zilda Haussen, aluna de Malvina em 1928.

Encontrar um único caderno escolar, objeto dotado de complexidade, com a presença da professora Malvina, é algo importante para a investigação, pois, por meio dele, podemos examinar um pouco do vivido na escola, é como se fosse um observatório que nos permite entrever práticas educativas, perceber o cotidiano escolar em diferentes perspectivas. Importa acentuarmos que o caderno não é um reflexo da vida na escola, mas, de muitas formas, constitui-se numa representação do conteúdo discursivo desse material. Segundo Vinão Frago (2000, p. 18):

Os cadernos são utilizados como fontes para o conhecimento das imagens e representações sociais sobre infância, escola, família e outros temas similares; como instrumentos de aculturação escrita, como veículos transmissores de valores e atitudes ou um modo de doutrinação ideológica e política, [...] como meio do estudo do currículo e das diferentes disciplinas e atividades escolares.

Aqui, dentro da possibilidade de análise de um material único, pretendemos não apenas descrever o que está escrito no caderno, mas

procurar problematizar os discursos enunciados nas atividades desenvolvidas pela aluna.

Trata-se de um caderno pequeno, medindo 20 cm de comprimento por 15 cm de largura, tipo brochura. É escrito à caneta tinteiro, tem as marcas do zelo e capricho. A aluna constrói um protocolo de escrita, destacando os títulos das atividades, por exemplo, ‘Analyses Grammatical’, ‘Analyses Logica’, ‘Frações ordinárias de somas’, ‘Problemas sobre regra de sociedade simples’. Ao encerrar cada atividade, registra ‘Fim’, seguido de seu nome completo e ano, em um total de 144 páginas. Pelo aspecto imaculado do caderno, é possível inferir que a realização de cada atividade tenha sido previamente desenvolvida, talvez na ardósia, pois sabemos que este material foi amplamente utilizado na escola, como uma referência de suporte de escrita.

Pela análise do material, é possível fazermos uma série de inferências sobre as práticas pedagógicas daquele tempo, percebendo, inclusive, a presença da professora por meio de suas marcas de correção, em especial nessas palavras em que diz: “[...] Estilo correto [...]” e “[...] Muito gosto [...]” (HAUSSEN, 1928, p. 55).

O caderno apresenta basicamente atividades práticas de língua portuguesa (análise gramatical, conjugação verbal) e matemática (problemas matemáticos), e podemos concluir que essas eram as prioridades curriculares naquele momento. Entretanto, muitos outros temas aparecem subliminarmente, mas não menos importantes, considerando o papel da escolarização na formação das crianças.

Esses eram os temas estudados em Matemática:

Tabela 1 – Assuntos de Matemática

Assuntos de matemática:
- Frações
- Sistema métrico
- Regra de juros
- Porcentagem
- Geometria
- Regra de sociedade simples
- Regra de três simples
- Recapitulação de quatro operações sobre inteiros
- Problemas sobre os quadrados e sobre raízes quadradas

- Problemas sobre as quatro operações de frações ordinárias
- Problemas sobre a adição e a subtração simultâneas
- Problemas sobre as três primeiras operações
- Problema sobre regra de três composta
- Regra de Juros
- Problemas sobre regra de sociedade simples

Fonte: o autor.

Notamos a preferência da professora por abordar esses conteúdos por meio de problemas matemáticos, fato que evidencia sua preocupação em estimular o raciocínio lógico por meio de situações mais palpáveis, muitas delas relacionadas ao cotidiano vivido por aquela comunidade. Pela quantidade de exercícios matemáticos do caderno, observamos o quanto esses saberes eram valorizados, a escolarização deveria preparar os alunos para o enfrentamento de questões próprias de uma sociedade em urbanização e modernização crescentes.

Ao analisarmos os assuntos contemplados nos problemas matemáticos, podemos agrupá-los do seguinte modo: questões relacionadas às práticas comerciais; conhecimentos de história, geografia, economia, com destaque a referências europeias; relações de trabalho, especialmente considerando salários; questões da física e química; relações familiares e sociais; datas comemorativas; assuntos da vida rural.

É provável que a professora buscasse em sua formação na Escola Normal referências para planejar suas aulas, mas também é possível que se valesse de suas intuições, da sensibilidade em perceber o que de fato era importante como conhecimento escolarizado para os alunos da sua comunidade. De alguma forma, os discursos da Escola Nova se faziam presentes nos enunciados dos problemas matemáticos que traziam situações com as quais as crianças se defrontavam no seu dia a dia e precisavam saber como resolvê-los. Destacamos alguns exemplos: “Uma pessoa comprou uma casa por 6:500\$00, gastou em reparos 1:825\$240 e vendeu-a por 10:000\$000. Qual foi o lucro?” (HAUSSEN, 1928, p. 13); “Um negociante comprou uma peça de pano com 115 metros. Vendeu primeiramente 23 metros e depois 19 metros. Quantos metros ainda lhe resta?” (HAUSSEN, 1928, p. 20); “Em uma família, o chefe ganha 8\$320 por dia, sua mulher 5\$000 e dois filhos 4\$00 cada um: Pergunta-se, primeiro, quanto ganha esta família por semana de 6 dias de trabalho,

segundo, quanto pode economizar por semana sendo” (HAUSSEN, 1928, p. 27) e “Um viajante partiu de Paris para Strasbourg passando por Nancy, sabe que a distância de Paris a Nancy é de 378 km e que a distância desta última cidade a de Strasbourg é de 155 km. Quantos quilômetros andou o viajante?” (HAUSSEN, 1928, p. 38).

Em relação à língua portuguesa, pela observação do caderno, vemos que o trabalho escolar é centrado na análise gramatical de frases, em que é possível fazer várias considerações e identificar o que era valorizado pela professora.

Para além das atividades matemáticas e de análise gramatical, o caderno apresenta duas produções textuais, intituladas *Carta a uma amiguinha* e *Carta a tia Georgina* (Haussen, 1928, p. 35), que, por serem escritos mais longos, possibilitam alguns entendimentos dos códigos daquela época. Em ambos, observamos um protocolo de início de textos com saudações, desejos de saúde e anúncio de saúde também. Para a amiguinha, o conteúdo da carta concentra-se nos estudos, na iminência dos exames finais, pois é datado em novembro e conclui com um convite para a amiga passar as férias na praia. Para a tia, a carta assume um tom mais narrativo, em que Zilda elenca acontecimentos cotidianos, especialmente relacionados à escola, como o piquenique ocorrido por ocasião ao Dia da Bandeira (19/11) e as atividades que se seguiram.

Com relação à análise gramatical, podemos agrupar os temas das frases do seguinte modo: preceitos de civilidade e de religiosidade, relações familiares, valorização de diferentes regiões europeias, nacionalismo e história do Brasil, valorização dos professores. A conjugação verbal é outro aspecto evidenciado, entre os verbos conjugados em diferentes tempos verbais, destacamos: arrepender, esconder, mentir, ouvir, cozer. Aqui apresentamos algumas das frases do caderno: “O que honra seus pais será atendido no dia da sua oração, viverá uma vida dilatada.”, “A cidadezinha de Viena é a capital condigna desta pitoresca região.”, “O amor de pátria não pode ser explicado por mais bela e delicada imagem”; “Pedro Alvares Cabral descobriu o Brasil em 1500”; “A benção do pai fortifica a casa do filho e a maldição da mãe a destrói pelos alicerces (Haussen, 1928, p. 18-20).

Considerações finais

A singularidade desse artefato, único em certa medida, possibilitou o rastreamento de uma vida e dos modos de viver de uma mulher. Por serem representativos, a relevância de seus escritos também permitiu um exercício interpretativo das existências de tantas outras mulheres, tantas outras vidas comuns, contemporâneas de Malvina Tavares, que muito provavelmente também desenvolviam práticas de escrita em seus diários íntimos.

Por meio desses papéis que venceram o tempo (CUNHA, 2009), que se constituem em fragmentos de memórias femininas, foi possível compormos a personagem Julia Malvina Hailliot Tavares. De acordo com Cunha (2009, p. 253), os diários pessoais entram em cena como fonte histórica, por conterem registros de práticas sociais que partilham da constituição de um regime de historicidade, ou seja, “[...] expõem as formas de como indivíduos em sociedade tratavam seu dia-a-dia, naquele presente da escrita”.

Observando com cuidado mais uma vez o diário, percebemos uma face melancólica do caderno, justamente quando a letra está trêmula, sinalizando que são escritos dos últimos anos de vida. Notamos uma Malvina triste, um pouco amargurada, mas que não perde a esperança, tema recorrente em seu caderno:

Meu filho Memeco foi de muda para Mussum a 15 de julho de 1931, vai querido filho, sê feliz, deixaste tua mãe triste sem um filho neste lugar. Dai-me coragem Deus de bondade. Deodina e Queta se foram para Anta Gorda em 11 de outubro de 1931 me deixando numa tristeza grande e doente de meu coração, sejam felizes queridos filhos com seus queridos filhinhos. As saudades que sinto são grandes, bem grandes, coragem Deus dê bondade para esta pobre e triste bem triste velha (TAVARES, [entre 1898 e 1938], p. 94).

É assim que Malvina se despede do seu diário e da vida, com tristeza fala de todos os filhos que se foram, é uma fala que evidencia solidão, pede coragem para enfrentar as adversidades da vida e sua narrativa assume um tom religioso. A professora se autodefine como “[...] pobre e triste, bem triste velha” (TAVARES, [entre 1898 e 1938], p. 94). É difícil qualquer tentativa de avaliar seus sentimentos ao perceber-se no

fim da vida, sem os filhos e netos. Nessa experiência íntima de refletir sobre o vivido, Malvina deixa escapar suas zonas de sombra, seus fantasmas, expressando sua forma particular de ver o mundo, constituindo uma maneira de narrar sua história de vida.

O diário atravessou a vida de Julia Malvina Hailliot Tavares, nele podemos perceber os significados que atribuiu ao casamento, à vida familiar, à valorização da instrução feminina e a docência, elementos que, na tessitura de sua vida, indicam os elementos constitutivos de suas identidades.

Referências

ALMEIDA, D. B. Uma história de vida de trabalho. *Revista História da Educação*, Pelotas: Seiva, v.1, n. 2, p. 51-68, 1997.

ARTIÈRES. P. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

CORRÊA, N. E. P. *Os Libertários e a Educação no Rio Grande do Sul (1895-1926)*. 1987. Dissertação (Mestrado em Educação)-Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 1987.

CUNHA, M. T. S. Diários íntimos de professoras: letras que duram. In: MIGNOT, A. et al. (Org.). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 159–180.

CUNHA, M. T. S. Diários pessoais: territórios abertos para a História. In: PINSKY, C. B.; LUCA, T. R. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 251–280.

FARIA FILHO, L. M.; VIDAL, D. G. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 14, p. 19-34, mai./ago. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-

24782000000200003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 10 dez. 2014.

FRAGO, A. V. A modo de prologo, refugiosdelyo, refugio de outros. In: MIGNOT, A. et al. (Org.). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 9-16.

FRAGO, A. V. Por uma historia da cultura escrita: observações e reflexões. *Cadernos de Projeto Museológico*, Santarém, v. 1, n. 77, p. 3-55, 2001.

FOISIL, M. A escritura do foro privado, I: ARIÈS, P. et al. (Org.). *História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 331–370.

GINZBURG, C. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HAUSSEN, Z. [Caderno escolar]. 1928. Manuscrito. Uma cópia desse documento é parte do acervo pessoal de Doris Bittencourt Almeida.

HEBRARD, J. Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias: a escritura pessoal e seus suportes. In: MIGNOT, A. et al. (Org.). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 29–62.

LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.

LOPES, E.; GALVÃO, A. M. *Território Plural: a pesquisa em história da educação*. São Paulo: Ática, 2010.

MARÇAL, J. B. *Anarquismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: SEC, 1995.

MIGNOT, A. C. et al. Tecendo educação, história, escrita autobiográfica. In: MIGNOT, A. C. et al. (Org.). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000a. p. 17–28.

MIGNOT, A. C. V. Editando o legado pioneiro: o arquivo de uma educadora. In: MIGNOT, A. et al. (Org.). *Refúgios do eu: educação,*

história e escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000b. p. 123-144.

MIGNOT, A. C. V. *Cadernos a vista: escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

NÓVOA, A. Apresentação. In: STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. (Org.). *Histórias e memórias da educação no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. v. 3, p. 9-13.

NUNES, C. (Des) encantos da modernidade pedagógica. In: LOPES, E. M. T.; FARIA F.; MENDES, L.; VEIGA, C. G. (Org.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 371-399.

PERROT, M. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005.

PONTES, J. V. *Lyra popular brasileira: completa e escolhida coleção de modinhas, recitativos, lundús, duettos, canções e poesias*. 6. ed. São Paulo: C. Teixeira & Cia., 1927. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/02053000#page/5/mod e/1up>>. Acesso em: 17 dez. 2014.

RAGO, M. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2013.

SCHNEIDER, R. P. *A Instrução Pública no Rio Grande do Sul (1770-1889)*. Porto Alegre: EST, 1993.

TAVARES, J. M. H. [Diário].[entre 1898 e 1938]. Manuscrito. Uma cópia desse documento é parte do acervo pessoal de Doris Bittencourt Almeida.

Endereço para correspondência:

Doris Bittencourt Almeida
Rua Lopo Gonçalves, 218, ap. 601
CEP 90050350 – Porto Alegre – RS
E-mail: almeida.doris@gmail.com

Luciane Sagrbi Santos Graziottin
Rua Santo Antonio, 717, ap. 505.
CEP 90220-011 – Porto Alegre – RS
Email: lugarbi@terra.com.br

Submetido em: 30/01/2014

Aprovado em: 19/08/2014

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.